A reportagem especial no rádio: apontamentos, análise e reflexão sobre o programa Universidade no Ar[1]

Nivaldo Ferraz[2]
Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP.
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Eliane Fátima Corti Basso[3]
Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP.

Resumo

Este artigo aborda a reportagem especial no rádio, através do segmento *Universidade no Ar*, da Rádio CBN (Central Brasileira de Notícias), emissora pertencente ao Grupo Globo de Comunicações, que mantém uma parceria com algumas universidades da capital paulista. Expõe as características da reportagem especial e do documentário radiofônico, gêneros que apresentam um mergulho profundo no fazer jornalismo para o meio eletrônico. Analisa os modos de produção das narrativas produzidas por equipes formadas e orientadas pelos estudantes e professores de jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi para o referido programa. O estudo reflete ainda a importância da produção profissional no âmbito da Universidade.

Palavras-chave

Jornalismo; reportagem em rádio; *Universidade no Ar*; Rádio CBN; Universidade Anhembi Morumbi.

Introdução

A perspectiva positiva de vantagens recolhidas por empresas e universidades quando ambos os setores decidem por parcerias estratégicas, observada há décadas em outros países, passou a ser marco também para o mercado e a academia do Brasil, país que engatinha nas propostas dessa relação se comparado com América do Norte e o bloco europeu.

---

[1] Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

[2]Doutorando do Programa em Pós Graduação em Meios e Processos Audiovisuais da ECA-USP. Mestre em Comunicação pela ECA-USP. Professor de RadioJornalismo e Projetos Experimentais; coordenador do Curso de Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo. Jornalista formado pela Universidade Metodista de São Paulo. Trabalhou como roteirista e intérprete em produções de humor e ficção para Rádio USP e produções da extinta agência Lintas Publicidade. Atuou como jornalista nas rádios Gazeta e Cultura de São Paulo, nas funções de redator, repórter, diretor e apresentador de programas. E-mail: ferraznivaldo@gmail.com

[3] Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo - UMESP. Mestre em Comunicação também pela UMESP. Especialista em Comunicação Social pela Universidade de Passo Fundo - UPF. Jornalista pela Universidade Católica de Pelotas - UCPEL. Professora no curso de Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi de São Paulo. E-mail: elianebasso@terra.com.br.

A despeito das desconfianças de ambos os lados, difundidas em sensações desprovidas de base de pesquisa – de um lado a academia resistindo ao que considera ser uma contaminação de seus princípios ao entregar seu "pensamento elevado" ao comportamento do consumo de mercado; e de outro o mercado considerando que as universidades se isolam do mundo a pesquisar em condições de laboratório sem considerar a vida real – algumas iniciativas são notadas. Uma delas é da Rádio CBN (90.5 FM) em São Paulo, que desde 2002 busca universidades para oferecer seu espaço à difusão de reportagens feitas por estudantes no ambiente do aprendizado universitário, que deve prezar pela pesquisa e experimentação.

Essa aproximação possibilitou o desenvolvimento do programa *Universidade no Ar*, segmento exibido pela emissora em transmissão local para a capital paulista, com um público de ouvintes potencial na casa de 85 mil por minuto[4]. A periodicidade do segmento é semanal, e vai ao ar aos sábados, logo após o *Repórter CBN* das 11 horas da manhã.

Os cursos de Jornalismo que participam do projeto, em sistema de rodízio, são atualmente Universidade Anhembi Morumbi, Universidade Metodista de São Paulo e Universidade São Judas. A PUC-SP também já participou do segmento. Cada universidade entrega, em média, uma reportagem por mês. O objetivo do projeto, segundo o Chefe de Reportagem da CBN, Paulo Rodolfo de Lima, é "mostrar ao ouvinte o que se produz na academia, dar a oportunidade aos estudantes de jornalismo divulgarem seus trabalhos, descobrir talentos" (LIMA, 2013).

Este estudo busca difundir a experiência do curso de Jornalismo da Escola de Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi em produzir essas reportagens, e para tanto está dividido em três momentos. O primeiro tópico visa abordar o rádio enquanto estrutura informativa, através dos formatos jornalísticos, apontando as diferenças entre a notícia relatada, interpretada e analisada. Depois, em nível exemplificativo, registra-se a formatação jornalística das reportagens realizadas dentro da Universidade Anhembi Morumbi, através das etapas de pauta, produção, gravação e roteiro de edição. Por fim, registra-se o modo discursivo dos produtos realizados. O objetivo é oferecer uma contribuição para reflexão e análise desses formatos jornalísticos, através da experiência prática acadêmica voltada ao mercado profissional.

[4] Dado fornecido pelo Chefe de Reportagem da Rádio CBN São Paulo, Paulo Rodolfo de Lima, em entrevista concedida em 08/05/2013.

1. Estrutura informativa no rádio – Da reportagem ao documentário

A informação ao vivo do local dos acontecimentos, a rapidez na transmissão dos fatos, o dinamismo dos profissionais, a agilidade, a busca pela informação mais recente para dar ao público são todas características inerentes ao radiojornalismo, presentes em diversos manuais de radiojornalismo. Reportar em tempo real com simplicidade técnica e rapidez diferencia o rádio dos demais meios de comunicação de massa. O rádio ao vivo, informando sobre o que está acontecendo nas cidades onde atua, sem exigir que o ouvinte precise parar suas atividades para ler ou ver, como acontece com a televisão, o jornal, e a internet, abriu espaço, historicamente, para ser um grande prestador de serviços, com agilidade e mobilidade. Desta forma, o ritmo da produção jornalística configura-se pelo ato de relatar o que ocorre no espaço público, ao longo dia, e quando necessário com várias entradas ao vivo do repórter, acompanhadas ou não de entrevistas.

Esse aspecto competitivo do rádio tem se acentuado na mesma proporção em que os meios digitais se entrelaçam definitiva e profundamente no conjunto de comportamentos da sociedade de hoje. O jornalista de rádio é um profissional conectado constantemente, funcionando muitas vezes como ponte na participação do que ele se acostumou a chamar de "ouvinte internauta". Âncoras e repórteres de rádio passaram a contar na sua rotina com a voz mais forte do ouvinte, determinante, muitas vezes dando o tom da pauta do dia a partir da interação aberta por email, blogs, facebook, twitter e outras redes sociais. No caso do repórter e da reportagem – nosso objeto mais próximo – há situações que levam o repórter a se dividir por novas obrigações. Por vezes passam a registrar a reportagem em imagem – seja fotografia ou vídeo – além do áudio transmitido para o ouvinte tradicional que não está conectado à emissora por meio digital.

Importa essa constatação contemporânea apenas para demonstrar que essa nova ordem afasta o repórter do tempo e do espaço da observação do fato que está cobrindo, item fundamental ao profissional que pensa em apresentar uma reportagem com fontes diversas, sonoridades, texto trabalhado com esmero. Diante deste quadro, resta pouca possibilidade operacional para reportagens cotidianamente mais longas, produzidas de forma mais completa do ponto de vista teórico, melhor pesquisadas, com mais fontes registradas.

Por ser um veículo configurado pela rapidez na informação que apresenta aos ouvintes, aspecto que oferece notada importância, o rádio trata o factual como efêmero e substitui um fato rapidamente por outro, a fim de gerar ou manter audiência. As exigências impostas pela velocidade dos acontecimentos e pela rapidez com que se obriga a noticiar tornam o jornalista do rádio um informador constante sobre vários assuntos ao dia. Desta forma, profissionais que atuam no rádio costumam demonstrar que a reportagem é mais um ato dos jornalistas em ação do que um formato. Assim está descrito pelo âncora Milton Jung, para quem

> O repórter deve ser a figura central nas empresas de comunicação. Nele está a síntese do que se espera de um profissional que trabalha com radiojornalismo: um bom observador; capaz de encontrar fatos novos mesmo nos casos corriqueiros; preparado para transmitir com clareza e precisão; equilibrado principalmente quando em situação de estresse ou de extrema emoção; e pronto para ouvir o cidadão, seja na rua, na guerra, na prisão ou no telefone que não para de tocar na redação (JUNG, 2011, p. 151).

Esta visão de Jung é compartilhada por Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima, que definem que: "Todo jornalista é repórter. Ele deve entrar em contato com a rádio mesmo fora do horário de trabalho se presenciar algum fato de interesse público" (BARBEIRO & LIMA, 2001, p. 45). Este afã de noticiar a todo o momento torna o repórter de rádio uma máquina de informar com rapidez o que é de interesse público, atendendo ao que se exige de sua função social. Por outro lado, não se dá ao tempo de construir sua reportagem com sonoridade melhor trabalhada, como é possível para o meio.

O repórter de rádio tem uma tarefa bastante específica quando a proposta é formatar uma reportagem especial. Esse tipo de produção apresenta maior densidade e pode se traduzir num importante canal para atender o ouvinte em sua necessidade de conhecimento. O radialista cubano José Ignacio López Vigil considera que fazer uma reportagem é muito mais do que uma narração direta e ao vivo, muito embora historicamente isso tenha sido confundido: "no mundo do rádio, fazer uma reportagem foi confundido com cobrir um fato ou mesmo fazer uma entrevista externa" (VIGIL, 2003, p. 287). Mostrando familiaridade da reportagem como definição mais criativa do que comumente ouvimos na dicotomia insistente entre a fala do repórter ("off") e a fala do entrevistado ("sonora"), o autor afirma que "uma boa reportagem inclui entrevistas, testemunhos, pesquisas, estatísticas, comentários, ruídos reais gravados no local, pequenas cenas que reconstroem fatos, recursos literários, estrofes musicais..." (VIGIL, 2003, p. 289). José Ignacio López Vigil observa que a reportagem se aproxima do

gênero dramático, pois cria suspense, seguido de conflito e restabelecimento de uma ordem.

A reportagem especial, quando existe, por suas características assume o papel de aprofundar as notícias dadas pelos noticiários, estando ela ancorada na atualidade, ou apresentando fatos que merecem ser relembrados, como centenários de mortes ou de nascimentos de pessoas importantes. É um formato capaz de realizar uma contextualização que recai sobre as causas e consequências do assunto que aborda. Trabalha de forma ampliada, resultante de um processo de investigação jornalística intenso, que além de informar – característica intrínseca da notícia – também se ancora no ato de interpretar.

Da interpretação nasce a análise, característica principal do documentário. Por se configurar como análise, o documentário não deixa de ser um acontecimento provocado que rompe a normalidade cotidiana marcada pela presença da notícia. Esse aspecto abre a possibilidade para trabalhar com temas atemporais, colocando em movimento ideias novas. Ao abordar ambos os formatos, Paulo Rodolfo Lima traduz desta forma as diferenças: "A reportagem especial trata de determinado assunto com objetividade e profundidade. No documentário há espaço para generalidade do tema, variados pontos de vida, lembranças, opiniões". (LIMA, 2013).

A fusão que se corre o risco de fazer na rotina do radiojornalismo, ao afirmar que todo mundo é repórter e todos estão reportando quando pesquisam, buscam fontes e fazem entrevista, é semelhante à confusão teórica que se pode fazer entre os conceitos de reportagem especial e documentário para o rádio. As teorias sobre gêneros mostram que os modos de produção e a linguagem dos dois formatos se entrelaçam em vários pontos.

O documentário tem princípios parecidos quando a questão é o tratamento em profundidade, maior tempo de duração, acesso direto e verdadeiro ao real, utilização de personagens-chaves para desenvolver a narrativa e, no caso do rádio, as possibilidades de uso dos elementos de sonoplastia. No entanto, os documentários não se prendem pela atualidade imediata e visam uma abordagem ampla.

> Há características que diferenciam o documentário de uma reportagem mais longa, mas há também semelhanças. Na reportagem, a preocupação é mais concentrada em passar notícia. Se são muitos aspectos, a notícia tem muitos desdobramentos ou repercussões, ocupará um espaço (tempo) maior, mas não deixa de ser uma reportagem, embora mais longa. O documentário deve se caracterizar por ser menos vinculado ao factual; procurar uma abordagem mais

> ampla, mais abrangente e ter uma preocupação formal maior. (NASSAR, 1984, p.127)

Quando Nassar fala sobre "preocupação formal maior" como característica do documentário pode querer dizer, no caso do documentário visual, uma aproximação com a arte do cinema. No nosso caso podemos dizer que, com o único recurso do som, a abordagem documental pode – e deveria – avançar na sonoridade informativa. Usar sons que também informem e que possam, certamente ocupando mais tempo-espaço do que a palavra, trazer informação para o ouvinte. De forma ampla, as características traçadas pelo autor para diferenciar os formatos expressam significados que podem ser adotados pelo rádio e a televisão.

Vamos encontrar no livro *Gêneros Radiofônicos,* de André Barbosa Filho, também a concepção da reportagem como "uma noção mais aprofundada a respeito do fato narrado" (2003, p. 92) e o documentário jornalístico como "verdadeira análise sobre tema específico" (2003, p. 102). Barbosa Filho define desta maneira o documentário jornalístico:

> O documentário jornalístico mescla pesquisa documental, mediação dos fatos *in loco,* comentários de especialistas e de envolvidos no acontecimento, e desenvolve uma investigação sobre um fato ou conjunto de fatos reais, oportunos e de interesse atual, de conotação não-artística. É realizado por meio de montagem – a edição final do material produzido em áudio – com matérias gravadas anteriormente ou, ainda, juntando-se esse material às "cabeças" – introdução aos temas enfocados – e a algumas matérias temporais "ao vivo" (BARBOSA FILHO, 2003, p. 102).

Menos extensiva e mais objetivamente observou Luiz Artur Ferraretto, para quem o documentário radiofônico "aborda um determinado tema em profundidade. Baseia-se em uma pesquisa de dados e arquivos sonoros, reconstituindo ou analisando um fato importante. Inclui, ainda, recursos de sonoplastia, envolvendo montagens e a elaboração de um roteiro prévio" (FERRARETTO, 2007, p. 57). O autor observa que o gênero é pouco frequente no Brasil, e de fato tanto a produção quanto a literatura acadêmica a respeito do documentário radiofônico é mais farta em outros países.

Da Europa temos, entre tantos teóricos, as observações de experiências dos britânicos, e o documentário em rádio é um produto tão difundido na história das grandes redes europeias, como BBC, RAI, DWR, entre outras, que os conceitos fundados por eles no gênero são de muita valia para a atuação do repórter de qualquer emissora do mundo. O ex-diretor de programas da BBC de Londres, Robert McLeish escreveu um manual que, apesar do tempo, ainda é muito observado na formação de

jovens radialistas e jornalistas de rádio em nosso país. Com um capítulo inteiro dedicado ao documentário, o autor discute temas como a verdade e as impressões, a estrutura do programa, a pesquisa, o planejamento, captação, música, entre outros. Entre as definições podemos encontrar que a "principal vantagem do documentário sobre a fala direta é tornar o tema mais interessante e mais vivo ao envolver um maior número de pessoas, de vozes e um tratamento de maior amplitude". (MCLEISH, 2001, p. 192).

É notável que, nos dois conceitos defendidos por teóricos, tanto para reportagem especial quanto para documentário em rádio permanece intacto o respeito e o rigor jornalístico na apuração das informações, critérios que correspondem à credibilidade do material apresentado. Em nosso trabalho para cumprir a parceria com a Rádio CBN, transitamos com os alunos entre os dois conceitos a fim de construir uma reportagem longa, dispostos a discutir e observar todos os detalhes do processo – não apenas do produto finalizado – que levou ao produto.

Desde o início do curso de Jornalismo na Universidade Anhembi Morumbi, professores envolvidos com a formação dos alunos em radiojornalismo se interessam em mostrar como é e a praticar com os estudantes a lúdica experiência da reportagem radiofônica. Nos últimos anos, desde que começou a parceria com a Rádio CBN, os professores Suely Maciel, Ricardo Penna Silveira Senise, Cláudia Cruz de Souza, Angelo Piovesan, Eliane Fátima Corti Basso e Nivaldo Ferraz estiveram comandando processos de reportagens de alunos do curso na busca de publicação pela emissora parceira. Os extratos deste trabalho estão no próximo item.

2. A reportagem especial - da pauta à gravação

A Universidade Anhembi Morumbi, por sua Escola de Comunicação e curso de Jornalismo, passou a fazer parte do segmento *Universidade no Ar*, da CBN, em agosto de 2010. Para cumprir a parceria é nossa tarefa entregar a reportagem finalizada, editada inclusive com a vinheta de abertura e encerramento produzida pela emissora. O arquivo finalizado segue em mp3 e é enviado por email para a Chefia de Reportagem da Rádio CBN São Paulo. Esse primeiro envio pode contar com uma volta para conserto, por alguma observação da CBN para que a reportagem enviada seja arrumada antes de ir ao ar.

Atualmente, as reportagens especiais são realizadas com estudantes do segundo semestre, na disciplina de *Técnicas de Reportagem e Edição no Rádio;* do sexto

semestre, na disciplina de *Documentário em Áudio e Vídeo*; e do oitavo semestre, quando o *Trabalho de Conclusão de Curso* do aluno foi definido como um documentário para rádio. No entanto, a rotina de trabalho que comanda as produções é semelhante entre as disciplinas.

Conceitualmente, trabalhamos a partir de uma estrutura de reportagem especial e mesmo os documentários, depois de prontos, são adaptados para uma composição mais enxuta. É evidente que um estudante de sexto ou oitavo semestre tem mais maturidade, pela bagagem acumulada nas disciplinas e pelo olhar em linguagem mais voltada ao documentário do que para a reportagem. Desta forma, é natural que as reportagens produzidas pelos alunos mais experientes sejam mais criativas em estrutura e no uso dos recursos de sonoplastia, capazes de colocar o ouvinte dentro do ambiente em que se desenvolve a ação.

No entanto, insistimos com os estudantes, em qualquer momento do curso que eles estejam, que o rádio é não apenas um meio de comunicação, mas também um meio de expressão, e para nós isso quer dizer que ele oferece um potencial de expressividade sonora. A oportunidade de ir para o ar em uma emissora de grande porte não deve ser apenas a oportunidade de repetir o que o meio faz, mas ousar, fazer algo diferente na forma e no conteúdo, pensando sempre nas possibilidades criativas e ao mesmo tempo respeitando os conceitos do jornalismo. Buscamos eco nas críticas de Armand Balsebre ao jornalismo exclusivamente da palavra feito no rádio, quando ele diz que:

> convertida la radio en una altavoz de sus noticias, que se sucede ininterrumpidamente a través del discurso de la palabra de los periodistas...no es extraño que algunos piensen que la razón de la existência de la radio está em su función técnica de canal transmisor de la palavra-noticia [...] (BALSEBRE, 2007, p. 15)

Com o mesmo Balsebre incitamos os alunos a informar com som para além da palavra, a utilizar o som do assunto que estão tratando como fonte informativa ao ouvinte. Não podemos perder nossa dimensão de educadores e, como tais, de experimentadores de diferentes formas. Pois como afirmou o teórico espanhol:

> cuando nos sumerjamos en la esencia del lenguaje radiofónico no podremos olvidar el ámbito psicoacústico y comunicativo del médio. La existencia de un oyente anónimo y ausente determina en cierta medida la capacidad creadora y expresiva de la radio. (BALSEBRE, 2007, p. 14 e 15)

O espaço médio de cinco minutos, ocupados por cada reportagem, exibida uma vez por mês, deve privilegiar temas do cotidiano e de interesse público da sociedade. A

condução é pelo viés de uma atualidade ampliada, em que um tema pode ser trabalhado ao longo de um semestre letivo sem ficar desatualizado, mesmo que tenha de esperar alguns meses para ir ao ar. Para a produção das matérias não há vetos temáticos por parte da emissora. Paulo Rodolfo Lima explica que a exigência recai sobre a qualidade da "apuração, bom texto, boa edição, sonorização etc." (LIMA, 2013).

Em sala de aula, o caminho percorrido para exposição das possibilidades temáticas até o início da execução das gravações é lento, uma vez que trabalhamos em processo de ensino-aprendizagem, com estudantes realizando uma produção profissional capaz de ser exibida numa das maiores emissoras de radiojornalismo do país.

Várias disciplinas do curso vão contribuir para o aprendizado do aluno no que diz respeito à pauta jornalística. Nas instruções que damos sobre a pauta lembramos a história deste elemento de organização da ideia jornalística, apoiados em Nilson Lage. Uma das lições dele sobre pauta é de que ela objetiva a planejar a edição da reportagem, e que o planejamento leva muitas vantagens para se chegar sem sobressaltos aos resultados finais. Assim, uma pauta estruturada "Diminui a pulverização de esforços em atividades improdutivas. Permite a gestão adequada dos meios e custos a serem utilizados ou investidos numa reportagem [...]" (LAGE, 2004. p. 36).

A pauta deve proporcionar uma pesquisa sustentável sobre o tema, por isso o processo de pesquisa e produção é feito em detalhes, antes mesmo da realização prática. O modelo de pauta desenvolvido em sala de aula é minucioso para que o estudante percorra um circuito que leva a uma realização sem grandes conflitos, por isso todos os passos são definidos sob análise e orientação dos professores. Cada detalhe é uma oportunidade de aprendizado.

Na pauta é preciso pensar no tema, no recorte, na pesquisa de dados, no equipamento que vai ser usado, em quais efeitos sonoros serão gravados para ilustrar a matéria, em possíveis trilhas e principalmente nas fontes que conhecem e dominam o assunto e que prestarão testemunho. Neste processo a pauta não é apenas um ponto de partida, mas também um embasamento rigoroso sobre como trabalhar o assunto. Mostramos aos alunos que não se trata de uma "camisa de força", e que no decorrer do processo de realização podem aparecer novas abordagens e novos entrevistados, mas estruturar a pauta da forma mais completa possível ajuda a ganhar tempo e a dar mais segurança durante a realização das matérias.

Dado o encaminhamento editorial é hora literalmente de por o "pé na rua" para o processo de apuração e confrontação das informações reunidas na pauta. Como todos os entrevistados precisam assinar autorização de uso de voz evita-se a entrevista por telefone. Além disso, no caso do rádio a prerrogativa é de que o som seja o melhor e uma entrevista por telefone piora sensivelmente a qualidade sonora. Outro fator que pesa a favor da entrevista face a face é a naturalidade das respostas do entrevistado, o que nem sempre se consegue numa entrevista por telefone. Migramos conceitos de entrevista no jornalismo para outros meios que não o rádio, e essa migração em nada perde, pois a finalidade é a mesma. Por isso, na entrevista face a face a:

> [...] proximidade física permite uma aferição de resposta – um feedback – rápida, visual e auditiva, corriqueira, a que nos acostumamos desde pequenos e que nos dá maior segurança. Os modelos de comunicação valorizam o efeito do ambiente partilhado pelos interlocutores e a que, numa conversa à distância, eles tem acesso parcial [...]. (LAGE, 2004, p.79)

A fase de entrevista deve se completar para essas reportagens quando os alunos entrevistarem ao menos cinco fontes. A experiência mostra que a possibilidade de ter o material divulgado por uma emissora de rádio ajuda os estudantes no contato e convencimento com as fontes. Nem todas as propostas desenvolvidas resultarão em exibição e isso é preciso deixar claro no contato com as pessoas que serão entrevistadas. Depois de produzido, o material ainda vai passar pelo crivo de aprovação na emissora. Por isso aproveitamos a oportunidade para discutir com os alunos todos os processos de contatos com fontes, de encaminhamento das conversas, de formas de abordagem usando fundamentalmente a ética jornalística como base.

Realizadas as entrevistas, começamos o processo de estruturação do roteiro de edição, etapa em que é preciso avaliar todo o conteúdo gravado, além de pesquisar possibilidades de sonorização a partir de trilhas se o tema da matéria comportar.

3. A edição e a estrutura final da reportagem

A montagem do roteiro de edição começa com a transcrição das entrevistas, etapa trabalhosa, porém didática para os estudantes em pelo menos dois aspectos: ao transcrever o conteúdo eles vão aprofundando as informações para depois organizar a edição; um segundo aspecto a ser considerado nesta relação de ensino-aprendizagem é a percepção da falta ou do excesso de conteúdo. A decupagem, por meio da transcrição literal, mostra-se como um recurso importante para o professor que analisa, juntamente

com os estudantes, o material disponível. Muitas vezes, trechos que parecem desnecessários acabam servindo para fundamentação dos textos e dão bons ganchos para a estrutura narrativa.

Feita a decupagem, entra a fase de selecionar os trechos mais interessantes das entrevistas e realizar a organização textual do roteiro. Consideramos que, apesar das diferenças conceituais entre a reportagem especial e o documentário, elas não alteram a forma de estruturar o roteiro. O modelo tradicional é amarrado pela costura de entrevistas e trechos em off que serão narrados pelo repórter. Neste momento, é importante também traçar os espaços que serão usados para ocupação da sonoridade na narrativa estética da reportagem. Tudo deve ser escrito para que editores e sonoplastas, que devem ter acesso aos conteúdos, entendam o que se está editando.

Essa etapa revela-se como a mais complicada. Para Paul Chantler e Peter Stewart o processo de organizar a sequência narrativa é como "esculpir" uma obra de arte. Portanto, é preciso dedicar tempo para escolher os melhores trechos, fazer a organização do texto e dar vida ao produto com o trabalho de sonoplastia: "o rádio é o teatro da mente e você tem que ser criativo ao usar palavras e sons" (CHANTLER & STEWART, 2006, p. 133).

O ritmo da estrutura narrativa é alcançado no processo de edição física do material. Com o roteiro pronto, passamos para a ilha de edição. É neste momento que se percebe que muitas coisas simplesmente não funcionam: entrevistas longas, textos excessivamente explicativos, falta de sonoplastia são alguns dos fatores que podem tornar o produto final enfadonho para quem está ouvindo. Isso sem contar com a entonação na locução dos textos do repórter, aspecto vital para prender a atenção do ouvinte. Portanto, ler o texto em voz alta, várias vezes, antes de gravar é fundamental. Através deste exercício é possível perceber a fluência, o ritmo, a entonação, enfim, o uso de determinadas palavras que simplesmente travam na hora da leitura, entre outros aspectos que necessitam ser aperfeiçoados e mudados no texto.

É importante desenvolver uma edição que possa surpreender o ouvinte através do ritmo narrativo, que entrelaça a harmonia da locução do repórter, a utilização das sonoras e os recursos musicais e de sonoplastia. Dentro desse contexto Marcelo Parada atenta sobre a importância da sonoridade no trabalho rotineiro da reportagem, ao afirmar que:

> A maioria das rádios jornalísticas e dos repórteres despreza, subestima sua principal matéria-prima. Não se trata aqui do som da voz do apresentador ou do

> repórter. Mas da música, do ambiente, dos gritos, das sirenes, do bate-boca, do choro, enfim, de tudo o que cerca uma situação que não deve simplesmente ser relatada por meio de um texto ou de uma entrevista. (PARADA, 2000, p. 31-32)

É comum as matérias passarem por pelo menos duas etapas de edição. Como estamos tratando, para com todos os alunos do curso, com disciplinas regulares que devem cursar, fazemos todo o processo à espera do resultado que eles nos apresentam. Esse resultado, pelo andamento dos processos e possíveis sobressaltos em uma das fases que o compõe, pode deixar a reportagem entregue pelos alunos em condições nem sempre ideais para irem ao ar pela Rádio CBN.

Como educadores e condutores de um processo de ensino-aprendizagem levamos as ideias apresentadas pelos alunos a um ponto possível de aproveitamento para a disciplina, e escolhemos aquelas que apresentam boas temáticas e com os melhores resultados para passar os temas ao crivo da chefia de reportagem da CBN. Paulo Rodolfo de Lima é o jornalista da CBN que dá a palavra final (ou inicial se o caso for de reedição) se um tema é aceito. Espera-se por e-mail o já famoso "OK, pode tocar" para acertarmos detalhes que entendemos ser de relevância para tornar a reportagem mais atraente.

Uma vez aceita pela CBN, a reportagem final feita pelos alunos recebe, no início e no fim, uma vinheta da emissora identificando: "Universidade no Ar, um programa dos alunos de Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi". Ela é padrão, utilizada para todas as universidades que são parceiras do projeto. O que muda apenas é o nome da universidade que coloca no ar a edição. A trilha acompanha a linguagem musical das vinhetas da CBN às quais os ouvintes estão acostumados e com as quais se identificam. Tudo indicando que a reportagem já tem a relação de pertencimento com a Rádio CBN.

Depois da vinheta entra o texto da abertura da matéria, também conhecido como lead, ou ainda, "cabeça da matéria", lido por um dos estudantes que apresenta o tema e identifica o nome dos realizadores. O texto utilizado tem em média 30 segundos e deve condensar as principais informações ligadas ao tema. O estilo discursivo deve revelar a intenção de aproximar o texto da língua falada da forma mais livre, dentro das normas reconhecidas em manuais, para ser compreendido pelo ouvinte de uma única vez.

A partir da apresentação do tema começa o desenvolvimento da reportagem, em que a locução é realizada por um segundo componente do grupo. O desenvolvimento e a estrutura narrativa não são baseados em fórmulas. Cada tema merece um tratamento particular. O resultado final depende do material que foi gravado e também da

articulação dos textos conforme o repertório cultural de cada grupo. Os professores têm como tarefa levar os grupos, trios ou duplas de repórteres de radiojornalismo a um ponto aceitável pelo mercado. A seguir está a tabela que apresenta os temas das reportagens já produzidas pela Universidade Anhembi Morumbi e veiculadas pela CBN.

Tabela 01 - Reportagens realizadas entre Agosto de 2010 e Março de 2013

	Temas
Ago/2010	**Sexualidade de doentes mentais** As dificuldades das famílias com doentes mentais no trato da questão
Set/2010	**Produção da Bienal de São Paulo** Os bastidores da exposição em formato de making off
Out/2010	**Brasileiros no Exército de Israel** As atividades de brasileiros que passam um período no estado hebreu
Nov/2010	**"Promoters" de rua** O trabalho de pessoas que sinalizam lançamento de apartamentos
Dez/2010	**Profissões Inusitadas** Os trabalhos menos conhecidos pela população
Jan/2011	**Reprise de "Promoters" de Rua**
Fev/2011	**Toc** Transtorno obssessivo compulsivo e seus limites de socialização
Mar/2011	**Reuso da Água** As formas de reutilização desse elemento caro para a sociedade
Abr/2011	**Perícia Criminal** O trabalho de profissionais em busca de solução de crimes
Mai/2011	**Indústria do Casamento** A estrutura que gera renda para profissionais em torno da cerimônia
Jun/2011	**Tetos Sustentáveis** A valorização ecológica de tetos para equilibrar o meio ambiente
Jul/2011	**Palavra Cantada** O perfil da dupla Sandra Peres e Paulo Tatit
Ago/2011	**Restaurante Vitrine** Arte visual e gastronomia se encontram
Set/2011	**Sorodiscordantes** A vida de casais em que um é portador do HIV e o outro não
Out/2011	**Cultura popular** A relação entre as manifestações da música e da cultura popular no contexto urbano.
Nov/2011	**Incentivo à leitura** Programas sociais de incentivo à leitura que e conhecimento do mundo literário e poético.
Dez/2011	**Transporte público e estresse dos motoristas de ônibus** Motoristas do transporte público de São Paulo convivem com o estresse no trabalho.
Jan/2012	**Reprise: Sorodiscordantes**
Fev/2012	**Não houve, por cair em Sábado de Carnaval, com cobertura especial da**

	emissora
Mar/2012	**Compras coletivas on-line** A expansão desse mercado, vantagens nos preços e os problemas enfrentados.
Abr/2012	**Eco/eletro** O trabalho de preparação de catadores para o recolhimento e reciclagem do lixo eletrônico.
Mai/2012	**Curso pró Vestibular para carentes** Iniciativas de Ongs e associações de para apoiar estudos de jovens pré-universitários
Jun/2012	**Tatuagem e Emprego** Como o mercado de trabalho vê o jovem tatuado
Jul/2012	**Maturidade Infantil** Crianças empurradas a serem mais adultas pelo meio em que vivem
Ago/2012	**Artistas Deficientes** Portadores de deficiência que encontram na arte a expressão de suas vidas
Set/2012	**Células Tronco** O avanço das pesquisas levam casais a guardarem células tronco dos filhos para o futuro
Out/2012	**Não houve matéria. Programação especial da emissora**
Nov/2012	**Estresse** A dificuldade contemporânea que mais atrapalha a rotina das pessoas
Dez/2012	**30 Anos de Blues no Brasil** Um passeio por músicas e artistas que marcaram o gênero no país
Jan/2013	**Toques de uma dança** Examina a relação entre corpo, estética, linguagem, experiências e cegueira. Enfoca o método desenvolvido da dança pelo toque.
Fev/2013	**Herdeiros do Futuro** As mensagens de amor ao meio ambiente através da música dos Trovadores Mirins.
Mar/2013	**Cine Marabá** A história do preservado cinema paulistano no centro da cidade.
Abr/2013	**Lambe Lambe** Histórias de fotógrafos da romântica época do início do Século XX

Considerações Finais

Os avanços do meio acadêmico em direção a um diálogo com o mercado profissional e vice-versa, ainda que incipientes no caso brasileiro, no sentido de considerar um fluxo de aproximação, proporcionam ganhos notórios para ambos os lados.

No caso específico do segmento radiofônico *Universidade no Ar*, a emissora define a importância e existência do projeto desta forma: "A CBN acredita nessa troca de conhecimento como forma de enriquecer o jornalismo dando espaço a novos profissionais" (LIMA, 2013). Para nós professores de radiojornalismo a existência dessa

parceria possibilita desenvolver a experimentação profissional no âmbito da universidade, proporcionando aos estudantes a real chance de participarem de uma reportagem emitida por uma emissora de renome e com isso formar um portfólio profissional.

Neste processo de troca e aproximação com o mercado, a universidade se comporta como espaço não só na preparação de novos profissionais, como também num ambiente de experimentação de linguagem e conteúdo, procurando levar adiante as ricas e infinitas possibilidades informativas e sonoras do rádio.

Referências

BALSEBRE, Armand. **El lenguaje radiofónico**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2007.

BARBEIRO, Heródoto & LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de radiojornalismo: produção, ética e internet.** Rio de Janeiro: Campus, 2001.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.

CHANTLER, Paul & STEWART, Peter. **Fundamentos do radiojornalismo**. Tradução Jerusa Guijen Garcia. São Paulo: Roca, 2006.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Dora Luzzatto, 2007.

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. São Paulo: Contexto, 2011.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro; Record, 2004.

LIMA, Paulo Rodolfo de. Entrevista concedida aos autores em 08/05/2013.

MCLEISH, Robert. **Produção de rádio: um guia abrangente de produção radiofônica**. Tradução Mauro Silva. São Paulo: Summus, 2001.

NASSAR, Silvio Júlio. **1000 perguntas – televisão**. Rio de Janeiro: Rio Estácio Sá, 1984.

PARADA, Marcelo. **Rádio: 24 horas de Jornalismo**. São Paulo: Editora Panda, 2000.

VIGIL, José Ignacio López Vigil. **Manual urgente para radialistas apaixonados**. Tradução Maria Luísa Garcia Prada. São Paulo: Paulinas, 2003.